

APIPUCOS QUASE SEM ASPAS: GOSTO SUBLIMADO GOSTO GOZADO

Gilberto Vasconcellos

A moderna antropologia brasileira, de Darcy Ribeiro a Roberto da Matta, nos momentos de brilho não faz senão seguir as trilhas enunciadas por Gilberto Freyre: o viçal, no Brasil, é menos uma questão de esquerda/direita do que a compreensão do que está dentro e do que está fora, daquilo que é oficial ou não. Gilberto Freyre distingue-se de todos os antropólogos e sociólogos. No estilo de escrever e de falar de si e da terra. A particularidade de nossa civilização é um processo de colonização que foi mais de autocolonização do que pura colonização européia. Assim, a problemática do colonialismo é trazida para outros planos, entre os quais o da relação antropológica do elemento passivo com o ativo. No começo era a cópula. Mesmo os escravos, Gilberto Freyre os considera colonizadores. . .

Não tendo o hábito de meter o pau em ninguém às escâncaras, muitas vezes é preciso ler as entrelinhas a fim de sacar o que Gilberto Freyre acha de cada região brasileira, aliás ponto axiológico fundamental dentro da sociologia desde a dupla Tobias Barreto/Sílvio Romero. Volta e meia surge intelectual ou escritor reclamando contra a ignorância do Sul em relação ao Norte. Evidentemente Gilberto Freyre não chega a chamar a corte de ladra; mas ele não abre mão do ângulo regional na apreciação da cultura brasileira.

Escolho o confronto USP/Apiucos. Duas sociologias, duas cidades, duas regiões distintas. A sociologia no Sul ressent-se da falta de olhos & ouvidos. Nela não há o sentimental floreio do que na vida é pitoresco: o saber descamba num

teoricismo avesso à sensação concreta das coisas. Tudo aí é transformado em pe-rito ou conceito: casa, rua, fábrica. Se é dia ou noite, dane-se — o que conta é a abstração, o rigor da episteme, a idéia no seu devido lugar . . . Desse jeito a natureza se encolhe, a natureza dá lugar à ciência, a terra subordina-se ao conceito. À luz da USP a facilidade que Gilberto Freyre tem de escrever é suspeita por não descer nas profunduras da infra-estrutura. Sociologia sem análise econômica. Apípicos seria, assim, ideologia — não ciência.

Roland Barthes, pelo prisma litótico, põe Gilberto Freyre nas alturas: escritor místico-erótico. Loyola tropical. Estilhaça-se, na esfera da cultura, qualquer dispositivo de classificação. Gilberto Freyre prefere enumerar, e enumera bem que só um capeta; através da enumeração sempre com um "bit" repetitivo passa o valor das coisas, como ele vê empaticamente as coisas: se é judeu, se é gaúcho, se é paulista. Nisso reside o equívoco da USP: Gilberto Freyre — só para curtir — estudá-lo não dá, sociólogo impressionista. Quando, na verdade, os elementos para uma sociologia do planalto de Piratininga estão enrustidos nos delírios de Apípicos. Do bandeirante ao industrial o que se observa é o espírito fora de casa da sociologia de São Paulo, sociologia órfã de pai & mãe, sociologia do salário, modelo laborioso: o emigrante não seduz. São Paulo, a mais ianque das nossas cidades, Catalunha do Brasil. O emigrante produz — o que é uma aberração na época do declínio da ética do trabalho e dos sinais perversos contra o progresso. Diferentemente de outros escritores nordestinos em que se observa o horror do mato, não se pode afirmar que Gilberto Freyre lastime o atraso da industrialização no Brasil. A elite intelectual de país atrasado que se industrializa costuma gostar e valorizar mais o mundo urbano-industrial do que a roça, mesmo nos casos em que se sublinha com ênfase que um e outro estão dialeticamente interligados. Gilberto Freyre bola neologismo a fim de conciliar as duas coisas. Rurbanidade. Quase um som embolado no outro som.

Ao contrário do que se imagina nos meios estudantis universitários, a vocação sociológica de Gilberto Freyre é profundamente democrática, posto que baseada no tato. A pele suplanta a memória. Nisso tão próximo do seu conterrâneo Nelson Rodrigues, a favor do intelectual brasileiro um pouco analfabeto, um tipo de humor hostil ao universo livresco. Apípicos poupa o Império por ter aberto uma brecha aos homens de gosto literário. O Império dera a chance ao talento para subir de vida e apagar a origem social. Isso irrita sobremaneira os sociólogos paulistas que não tocam na família, a parte de dentro de casa não aparece na teoria. Da família dos grandes sociólogos não se conhece quase nada. Familiarismo é sinônimo de atraso. Desde Oswald de Andrade sabe-se que o paulista quer esquecer Portugal. Gilberto Freyre não entra na história da USP porque ele cobre de elogios a façanha do português nos trópicos. A estrutura lusitana marca tanto o Sul quanto o Norte.

Em termos intelectuais quem respeita muitas vezes decai. Gilberto Freyre conhece a importância desse apotegma: ele escreve *Casa-Grande & Senzala* aos 33 anos! Na mistura de antropologia com autobiografia reside o segredo hispânico. Junta-se pelos conectivos o que é plebeu e o que é nobre. Oswald de Andra-

de estava certo ao saudar *Casa-Grande & Senzala* pelo espiritismo: Lampião baixou em Apipucos. Gilberto Freyre mexe no tabu do Santo Ofício. Sodomias & Heresias. Estuda-se sociologia pela biografia, assim vem à tona os sentimentos que ignoram a política. Ousadia impressionante de, nos anos 30, considerar o ânus material sociológico. Perspectiva escatológica da vida patriarcal, mantendo-se no entanto próximo do estilo áureo que do estilo colérico. Realça-se o traço triunfante da personalidade de Gilberto Freyre assim como o ânimo cultural antidepressivo da sua sociologia, contrária ao fel e azedume das Ciências ditas humanas. Ele não-se engana ao comparar-se a Goethe, artista da fartura, tão locupletado que tomou fartão da glória e desceu numa boa ao sepulcro de Weimar. Viva o triunfo! Afinal nossos intelectuais costumam extenuar-se precocemente. Gilberto Freyre consegue escapar do complexo intelectual sado-masoquista de origem colonial. O preço que ele paga por isso é ser malhado de sociólogo gabola, frajola, soberbo. Tal imagem é aparente; no fundo em seus textos o EGO encontra-se dissolvido por causa de tão vária e múltipla personalidade. Gilberto Freyre se espanta quando lhe dizem que o esdrúxulo conceito de autocolonização tenha sido construído por impulso narcisista, à medida em que o autocolonizado é o pai ou a mãe de si mesmo: eu sou meu pai, ninguém me gerou. . . João Ribeiro, talvez sem saber, acertou o lance: Gilberto Freyre não comete a besteira de concluir. A quimera do auto-engendramento num autor histriônico faz sentido. Ao comemorar numa festa no bairro de Encruzilhada o ponto final do último parágrafo de *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto Freyre bota seu pai vestido de padre. É fatal a volúpia pela genealogia familiar num escritor nordestino. Nomes & sobrenomes. Se há pai por filho, como abolir a vergonha do pai que pede ao filho? Apipucos nos oferece generosamente um conceito genial — o conceito de metarraça — cujo desdobramento prático afasta a mania de buscar a origem: a gênese impede o gozo. O tipo brasileiro de homem, cada vez mais miscigenado, esquece de suas origens. A metarraça obnubila o esperma; daí o paradoxo de coexistir num mesmo escritor fascínio e fastio pela genealogia. Quem não se deleita com a fabulação da sua sociologia? Novos continentes, novos Deuses! Além de novo, o objeto de estudo está por fazer-se: uma civilização nos trópicos e, ao mesmo tempo, próximo da selva. Ao processar-se a obnubilação genealógica, as amarras do passado desaparecem; ao descartar-se do passado o que há de doloroso cessa de doer: delta zero na memória! A ausência ou fraqueza de memória não é sinal de alienação. Com efeito o espírito cioso de memória não se afina com a idéia circular do tempo tribal, tempo da indiferenciação dos tempos: passado, presente, futuro. O tempo tribal também pode engendrar rupturas imprevistas: da mata à senzala, da fábrica ao apocalipse. Por que não mergulhar na terra sem verbos de ligação? Para quem satisfaz com erudição, Gilberto Freyre é pródigo: um dos primeiros a ler James Joyce no Brasil. Trata-se de uma teoria antropomorfizada da história como pesadelo nos moldes do badalado escritor da vanguarda européia. Metarraça, surrealidade bruta dos trópicos. Exercício do tempo tribal traz o ralar da prosa sociológica, quase câmara lenta, cada página é um plano de cinema. *Casa-Grande & Senzala*. Um senhor defeca, um tigre abre a boca, uma cama range, um capelão come um doce. Os metodistas da literatura ficam atônitos: como situar a fera de Apipucos? Sua sociologia não é nem funcional, nem estru-

turalista, nem epistemológica, nem ontogenética, nem substancialista, nem formalista. Também não se diga que seja uma sociologia feita apenas para rir. Um saber gaiato. Há momentos de remorso no esperma reproduzido, principalmente se o tecido social nos trópicos se faz pela constelação familiar. Gilberto Freyre foi salvo pelos olhos: a morte é a letra; a imagem, vida. Isso porque, alfabetizado tarde, a letra virou desenho: garatujou antes de escrever.

Dez anos depois de publicado *Casa-Grande & Senzala*, Oswald de Andrade se manca e muda de opinião; ele reconhece a potência de Apipucos: o livro é totêmico, tal qual *Os Sertões*, livros justificadores do próprio caminho, livros justiceiros. Oswald de Andrade elogia o olhar guloso do xará, as inscrições do Brasil patriarcal nos sentidos misturados, ciência & arte. *Casa-Grande & Senzala* é uma reprodução de um sentimento que supera a superstição em cima das letras e das leis, superstição típica das elites cultas inferiorizadas intelectualmente, verdadeiro KARMA na vida cultural brasileira.

O exorcismo cabeça de negro da má consciência literária brasileira quer demonstrar que aqui é mais luta de classes contra não classe do que propriamente luta de classes. . . Gilberto Freyre nunca embarcou nessa de acreditar em horas de negros famintos miseráveis tacando fogo, invadindo as cidades. Não existe essa paranóia das letras, quiçá desejo de ser estuprado pelo primitivismo dos oprimidos. O que está dito em *Casa-Grande & Senzala* é a mesma coisa que está dito em *Sobrados e Mucambos*: os negros rebeldes na hora do cacete queriam receber a proteção paternal dos senhores. Espantosa coragem de registrar o clima insólito de admiração do negro pelo senhor, a maluquice da cópula metarracial, o que há de culturalmente afirmativo no tesão que passa por cima da cor e do dinheiro e fura a classe. Por causa dos brancos carafbas e das santas enfermeiras anglo-saxônicas cuidando de algum leproso num hospital da África, por causa disso tudo Gilberto Freyre não toma partido a favor dos negros: não existe guerra de raças no Brasil. O público estudantil universitário não o perdoa por ter defendido a tese de que no Brasil a escravidão foi menos cruel do que na América inglesa ou Sul dos Estados Unidos. A escravidão aqui foi amena. Ele comemora o fato, vê isso com otimismo, podia ter sido pior . . . Ao invés de explodir a tragédia colonial aconteceu o inesperado: encontrou-se a síntese senhor/escravo, não antítese nua e crua. Acomodação perversa. No real vive-se escravo do eito mas na quimera sente-se escravo doméstico. Mesmo que for para seguir esse corte não elimina o vigor da sociologia de Gilberto Freyre no mecanismo ideológico da reprodução da sociedade brasileira onde o que é próprio confunde-se com o que é alheio. Quem é o sedutor? Quem é o seduzido? Acabou o ativo, acabou o passivo. Cada ritmo social em cada som. Do batacotó a Villa-Lobos.

Se é casa, segredo é família. Qual seria o pequeno segredo sujo familiar em sua conformação patriarcal? O ouvido ou o olho? Inútil ir atrás de psicanalista porque ninguém pega carona de Gilberto Freyre. Nenhum historiador das idéias retratou perfil psicológico do intelectual cabeça feita numa sociedade cujo ponto móvel da hierarquia social é a figura do agregado superlativo do sentimen-

to. Como sempre — para complicar todas nossas teses — exceção é Machado de Assis, mulato marginalizado critica o outro se desejando. Bruxo, fantasma, bode, primeiro crítico brasileiro segundo José de Alencar: num momento de fúria Machado de Assis, segundo Glauber, censor da cultura. Machado de Assis é Machado de Assis, não é o que se diz de Machado de Assis. Manda Machado de Assis tomar banho, agente da colonização é família mãe gentil: Machado de Assis subiu sozinho, ouvido sozinho não existe, não dá música. É no coito, ponto essencial por onde funciona a acoplagem dos antagonismos, berço do equilíbrio, idéia do sossego, enfim, materialização do êxtase, calvário da libido, férias de Hegel. A tal da dialética senhor & escravo acabou em análises de coito. Trópicos. Comer escravas, comer mucamas, comer empregadas. Comilança. Tesão. O que flui corpo a corpo. Escravo quer ser mesmo personificado. Escravo do sexo, dominação personalista. Genitália. Personália. Ego.

Médico no Império citado por Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos* encana no tamanho do membro das raças formadoras do Brasil. Mede a piroca do crioulo volumosa, pesada, em placidez; na hora do orgasmo aumenta pouco . . . Eros & Heróis. Direito de nascer grande acabar pequeno. Atento a essa aura melancólica que persegue o talento nacional que se esvai precocemente, Gilberto Freyre não morre em seu atilado juízo crítico de si mesmo, dizendo que como escritor melhora com o tempo. Não cai o nível, aprimora — sem ser daqueles escritores que escrevem somente para escritores.

Escritor, estudado, filho de doutor. Uma docilidade que acompanha os verdadeiros doutos do mundo ibérico-hispânico. Acordo pai & filho. Parceria. Sem essa de matar pai ou sociedade sem pai ou morte da família. Outro esquema, pois o pai aceita as peraltices gramaticais, as peraltices plebéias do filho. Mitiga-se o temor da letra: pai perdoa barbarismo do filho. Qual é de se alfabetizar as crianças tão cedo?

Se ontologicamente no Brasil a realidade social é mistura, o conhecimento também o é — mesmo que for um pé na ciência outro na arte juntando delírio, forma, rigor, estudo, pesquisa. Sociologia do baralho. Bazar semiológico. Roland Barthes se ligou no xará porque viu parecença de estilo. Barthes, a mãe; Gilberto Freyre, o pai. Limpo, sujo, obsceno, casto, dramático. Isabel, Isabel. Ele cita Isabel porque isso o excita no motivo pelo qual a mistura entra na sua sociologia: sem coito, sem conclusão, sexo sem sexo, liberto. Muita sorte. Poucas intervenções cirúrgicas no corpo: nada de óculos, nada de bengala. Procedimento insólito, ousadíssimo numa cultura como a brasileira em que o intelectual é um *défroqué* de alguma Igreja. Intelectuais padres, monges, beneditinos. Depois dos jesuítas vieram os marxistas. Gilberto Freyre rema o barco sozinho ao fazer a desmontagem da dominação ideológica brasileira. De cima. Solilóquio sofisticado. Antes ou depois da televisão. Às claras não tem nada. Como na *gaya cyencya*, o órgão da felicidade não é a consciência. *Casa-Grande & Senzala*.

Quando sai o livro em 1933, convenhamos que um belo ano trinta&

três anos, que acontece? Igreja e comunistas metem o malho. Crítica pura & crítica impura. Instituições refratárias ao princípio da mixórdia do terreno das idéias e das ciências. Jesuítas batalham para impedir suruba nas diversas epistemes brasileiras. Contra o amálgama das raças. *Casa-Grande & Senzala*, gramática promíscua a engofir e comer sua própria língua. Bastante escrupuloso no manejo das mediações classistas em sua antropologia, Darcy Ribeiro — embora admire o estilo de Gilberto Freyre — quer surpreendê-lo em algum deslize científico a fim de provar que a perversão em Apipucos prefere errar na ciência do que fracassar como escritor.